

“Graças a Deus hoje é segunda-feira”: uma análise crítica do discurso de postagens em uma conta empresarial no Instagram

“Thank God today is Monday”: a Critical Discourse Analysis of Posts on a Business Account on Instagram

José Augusto Simões de
Miranda

Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC) | Florianópolis | SC | BR
joseaugustosimoesdemiranda@
gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0057-1685>

Resumo: Este artigo, resultado de uma pesquisa qualitativa, tem como objeto sete postagens no *Instagram*, na conta oficial da empresa Havan. O objetivo é investigar se o discurso, de caráter político-ideológico, do proprietário da empresa, assim como de interlocutores com os mesmos vieses, tenta manipular, intimidar e coagir funcionárias(os) ou, se, mesmo com possíveis divergências político-ideológicas, há abertura e liberdade para a expressão de outros modos de ser. O estudo se baseia na perspectiva teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1989, 2003, 2010, 2019; van Dijk, 2020), com as categorias analíticas de ressalvas, intertextualidade e pressuposições, e no conceito de neoliberalismo (Avelino, 2016; Bazzicalupo, 2017; Fairclough, 2000, 2010; Safatle, 2021). Os resultados depreendidos demonstram que o proprietário da Havan tenta manipular, intimidar e coagir funcionárias(os), assim como não é visto qualquer tipo de abertura e liberdade para expressão de outros modos de ser. Além disso, há a inclusão de outras vozes (interlocutores) com a tentativa de legitimar e universalizar seus discursos anti-ciência/educação, religioso, de felicidade num viés hegemônico de extrema-direita e neoliberal.

Palavras-chave: análise crítica do discurso; neoliberalismo; iniciativa privada; extrema-direita; resistências.

Abstract: This article, carried out through a qualitative study, has as its object seven posts on the official *Havan* company account. The objective is to investigate whether the discourse, of a political-ideological nature, from the company owner, as well as from interlocutors with the same biases, attempts to manipulate, intimidate



and coerce employees or, even with possible political-ideological divergences, there are openness and freedom to express other ways of being. The study is based on the theoretical-methodological perspective of Critical Discourse Analysis (Fairclough, 1989, 2003, 2010, 2019; van Dijk, 2020), with the analytical categories of disclaimers, intertextuality and assumptions, and the concept of neoliberalism (Avelino, 2016; Bazzicalupo, 2017; Fairclough, 2000, 2010; Safatle, 2021). The results demonstrate that the owner of *Havan* tries to manipulate, intimidate and coerce employees, as well as it is not seen any type of openness and freedom to express other ways of being. Furthermore, there is the inclusion of other voices (interlocutors) in an attempt to legitimize and universalize their anti-science/education, religious, and happiness discourse in a far-right and neoliberal hegemonic bias.

Keywords: critical discourse analysis; neoliberalism; private enterprise; far-right; resistance.

1 Palavras iniciais

Ter (relativa) liberdade no dia das eleições não parece suficiente para afirmar que uma nação é democrática. Exemplos disso foram os diversos atos promovidos pelo governo Bolsonaro (2019-2022) durante seu mandato, que se estendeu até o período eleitoral, quando tentou a reeleição. Vê-se que nos anos do último governo presidencial, com a ascensão da extrema-direita no poder, houve uma tentativa de determinação de modos de ser – que incluem comportamentos regulados por um viés conservador, amparado na concepção de família heteronormativa de grupos religiosos cristãos (católicos e evangélicos) que expurgam outras formas de organização familiar e restringem a liberdade de grupos minoritários já historicamente marginalizados.

Além disso, tornou-se evidente uma batalha daquele governo com alguns setores da sociedade, como a ciência, a cultura e a educação. A tentativa de sucateamento através da falta de investimentos em pastas ministeriais, assim como o intuito de privatização dessas áreas foram observadas ao longo dos anos por meio de discursos que, não por acaso, estão alinhados a lógica neoliberal. Essa forma de imposição – de modos de ser – e o uso do discurso neoliberal não se limitam a fala do ex-presidente e nem do significativo número de parlamentares de extrema-direita que ainda está no poder. A iniciativa privada e o empresariado também faz uso do discurso neoliberal, não somente em suas vendas e estratégias de *marketing*, mas também com sua equipe que chamam de colaboradores ou até de família.

Ressalto que nesse setor há relações de poder bem definidas, entre chefes e funcionários(os), assim como abuso nessas relações (van Dijk, 2020). No período eleitoral de 2022, vimos um grupo da iniciativa privada ameaçando funcionários de diferentes formas para

votar, majoritariamente, em prol da reeleição do ex-chefe do executivo. Por exemplo, tivemos conhecimento de alguns desses casos por meio do jornal BBC (Souza, 2022). Os casos explícitos e registrados de assédio eleitoral subiram quase 1.300% com relação às eleições presidenciais de 2018 e as investigações estão sendo/foram realizadas (Mendes, 2022). No entanto, discursos velados, como o neoliberal, são mais difíceis de denunciar, pois são mais sutis, quando há um convite para ‘o sucesso’, para ser empreendedor de si mesmo, para ter lucro, para o ‘bem-estar’ e tantas outras narrativas que são produzidas (Fairclough, 2000). Dito de outro modo, membros da iniciativa privada muitas vezes tentam manipular e/ou ameaçar, veladamente, seus funcionários, para que pensem de acordo com os discursos que operam no complexo projeto midiático-jurídico-político da extrema-direita.

Desse modo, eleitores que trabalham na iniciativa privada muitas vezes silenciam seus desejos, seus candidatos, seus vieses político-ideológicos por medo de perderem seus empregos – por divergirem de seus empregadores e clientes, que não aceitam um viés sociopolítico crítico e sustentam a sua defesa com base na lógica dos mercados, na ‘prosperidade’, no ‘bem-estar’, majoritariamente alinhado ao discurso neoliberal. Ressalto que esse discurso beneficia grupos dominantes, também chamados de elites simbólicas (van Dijk, 2020), ao mesmo tempo em que moldam e regulam um sujeito politicamente governado, afastam sujeitos politicamente críticos, favorecendo, a manutenção do *status quo*, enfraquecendo a democracia e realçando desigualdades sociais que afetam diferentes grupos marginalizados. Nesta perspectiva, a vida dos funcionários está, também, a serviço do mercado, um projeto em que todos devem conseguir se adequar a ele, caso contrário esses funcionários podem ser rapidamente descartados.

Como argumentei anteriormente, muitas instituições privadas usam termos ‘uma família’, ‘um time’ e ‘colaboradores’ ao se dirigirem a funcionárias(os), mas em momento algum questionam, tampouco permitem que falem sobre seus vieses político-ideológicos e seus interesses. Não raro, vê-se o contrário, o viés político-ideológico dessas organizações é predominantemente do presidente, do diretor ou do proprietário da empresa – que se alinha aos seus interesses neoliberais. Assim, há a individualização em detrimento do coletivo, do social e do político, como é estrategicamente usado por muitos líderes do empresariado.

Dito isso, neste artigo, analiso o discurso relacionado ao proprietário da Havan¹, que é materializado em sete postagens realizadas na conta oficial da Havan, no *Instagram*, entre os meses de setembro e novembro de 2022 – três delas antes do período eleitoral; outras três entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais e uma após o período eleitoral.

O critério de seleção foi baseado naquelas postagens que apresentam discursos em que o proprietário da Havan interage com a audiência e mostra seu posicionamento político-ideológico, assim como outros discursos que interagem e convergem com o seu discurso, por exemplo, o discurso do cantor Sérgio Reis e supostos discursos de funcionárias(os).

A questão que permeia o estudo é analisar se esses discursos tentam manipular, intimidar e coagir funcionárias(os) ou, mesmo diante de possíveis divergências político-ideológicas, há abertura e liberdade para a expressão de outros modos de ser. A relevância da pesquisa é mostrar discursos provindos da iniciativa privada, que comumente tentam manipular funcionárias(os), como discutido anteriormente, a fim de conscientizar leitoras(es) de possíveis práticas e estratégias discursivas feitas por membros desse grupo social. Penso que a análise do

¹ O proprietário da Havan é o empresário Luciano Hang, que é mencionado no decorrer do texto.

discurso tem uma contribuição significativa no que concerne a revelar significados que estão por trás da linguagem e, muitas vezes, podem não ser vistas pelos olhos do senso comum.

A pesquisa é de caráter qualitativo e recorro à perspectiva teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1989, 2003, 2010, 2019; van Dijk, 2020), em que uso as categorias analíticas de ressalvas, intertextualidade e pressuposições, e ao conceito de neoliberalismo (Avelino, 2016; Bazzicalupo, 2017; Fairclough, 2000, 2010; Safatle, 2021). O artigo se divide em seis seções: a primeira é a introdução, que foi apresentada acima; na segunda, realizo discussões sobre o neoliberalismo; a Análise Crítica do Discurso será a terceira seção; a metodologia é apresentada na quarta seção; na quinta seção há as análises com os resultados e as discussões; e por fim apresento as considerações finais.

2 Neoliberalismo: um mero sistema econômico?

“As pessoas achavam normal ter mercadorias chegando no mundo inteiro e circulando livremente enquanto os homens eram barrados nas fronteiras. Para atravessá-las, alguns se escondiam dentro de caminhões, disfarçando-se de mercadorias – inertes –, e assim morriam asfixiados, esquecidos pelos motoristas em um estacionamento sob o sol de junho em Douvres.”

(Ernaux, 2021, p. 198)

De acordo com Fairclough (2000), o que está acontecendo no mundo contemporâneo é uma forma reestruturada (e global) do capitalismo – onde há quem ganha e onde há quem perde. O autor argumenta que algumas das perdas são a enorme desigualdade social (entre ricos e pobres), a redução de segurança para as pessoas, a diversificação das formas de discriminação, tais como o racismo e o sexismo, a democracia se fragiliza e o meio ambiente corre riscos severos em função dos danos causados por diferentes práticas (políticas, empresariais, sociais). Na lógica neoliberal, o autor aponta que há a imposição de novas representações do mundo, novos discursos, novos gêneros e, portanto, vê-se todo um projeto linguístico (e semiótico) nesse novo capitalismo – também chamado de neoliberalismo. Fairclough (2000) afirma que o neoliberalismo é defendido por partidos políticos conservadores a fim de enfraquecer a democracia e, desse modo, reduz o bem estar social – o Estado acaba se adaptando ao mercado e este último dita (re)estruturações socioeconômicas que aumentam a desigualdade social e afetam grupos sociais marginalizados, assim, qualquer tentativa do Estado em proteger essa população em prol do bem estar social se enfraquece.

Dentro dessa lógica da economia neoliberal, há a sedimentação na produção de sujeitos ativos, que calculam e decidem investir em seus próprios recursos, também chamado como “capital humano” (Bazzicalupo, 2017). De acordo com a autora, capital humano é o conjunto de elementos físicos, psicológicos, culturais – que é observado em termos de energia, atitude e competência, por exemplo – em que sujeitos são esperados a ser totalmente responsáveis –

de forma individual – por si mesmos, assim como são produzidos para criarem um ambiente de competitividade e individualismo entre si, a fim de que tenham ‘sucesso’ e ‘vençam’.

É importante ressaltar, como discute Safatle (2021), que o neoliberalismo não é apenas um modelo relacionado à esfera econômica, mas perpassa toda uma engenharia social. A partir dessa racionalidade, sujeitos são condicionados a nunca estarem satisfeitos e sempre buscarem mais (sob o ponto de vista econômico), a fim de serem ‘felizes’, ‘plenos’, ‘prósperos’ – *the more the merrier* –, sensações que estão relacionadas com a ‘dignidade humana’ e a ‘liberdade’, assim, o afeto humano é reduzido a uma lógica matemática de investir, comprar e vender, ancorado na ideia de demanda do mercado (Franco *et al*, 2021).

Para que sujeitos se tornem obedientes a todo esse sofisticado projeto linguístico, Silva Junior (2021) argumenta que novas formas de produção de subjetividades – que são materializadas no discurso e afetam o trabalho, a comunicação, os desejos das pessoas – têm como objetivo a naturalização da vulnerabilidade social e da precarização (com altos índices de desemprego), assim como incentivam, sob a égide do termo empreendedorismo (sem quaisquer tipos de recursos e segurança) as pessoas a abrirem um negócio e, desse modo, tornam-se responsáveis por seu desemprego – associando aqueles que não conseguem mudar sua condição a ‘fracasso’, ‘preguiça’ ou ‘cidadãos infantis’ que precisam de ‘mesada do governo’². Desse modo, ao tornarem-se totalmente responsáveis por si, as pessoas reproduzem práticas neoliberais, tais como fingir que não há nada de errado, assim como não levantam questões ‘desagradáveis’ para serem discutidas – mesmo diante de toda a precarização de suas vidas. Vê-se que em sua empreitada social, o neoliberalismo atinge seus objetivos, assim como reduz a força política de sujeitos por meio de seus diversos discursos que perpassam questões psicológicas, sociais, econômicas, políticas e culturais.

Argumento que o neoliberalismo também está presente em diferentes estruturas sociais, nas quais elites simbólicas buscam vantagem política, econômica e sociocultural – um dos pontos cernes do sistema –, como a configuração patriarcal, já vista antes da indústria, do mercado e do próprio neoliberalismo. Vê-se que essas estruturas sociais são ancoradas de modos distintos. Se recorrermos ao modelo de família nuclear cristã é possível perceber que toda sua configuração contemporânea foi arquitetada para convergir com o neoliberalismo. Configuração essa que é sedimentada com demandas relativamente fixas a fim de atender os mercados. Exemplos disso são as diversas datas que estão relacionadas com a célula familiar: Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia das Crianças, Páscoa, Natal etc. As pessoas se sacrificam para comprar presentes, muitas vezes impossibilitadas, para atender tais demandas. Como afirma a Nobel de Literatura que viveu o pós-guerra:

Já era Natal, as pessoas suspiravam ao ver, no começo de novembro, a enxurrada de brinquedos e chocolates invadindo as grandes redes e supermercados. Sentiam-se abatidas por não conseguir escapar durante algumas semanas ao encerramento da grande festa que obrigava cada um a pensar na própria solidão e em seu poder aquisitivo em relação à sociedade – como se a vida inteira terminasse numa noite de Natal. Era uma visão que dava vontade de adormecer no final de novembro e só acordar no começo do ano seguinte. Começava a pior época do ano, em que tínhamos desejo e ódio das coisas, era o auge do gesto consumista.

² É importante ressaltar que políticas públicas para redução das desigualdades sociais e, mais especificamente, da fome são tratadas pelo mercado de forma depreciativa.

Apesar de tudo, nos entregávamos a ele e ficávamos nas filas dos caixas, com raiva e calor, como se tivéssemos a obrigação de gastar e realizar um sacrifício, oferecido a um deus qualquer, nos resignando a ‘fazer alguma coisa na data’, montar a árvore e decidir o cardápio da ceia de Natal (Ernaux, 2021, p. 206 e 207).

Assim, vê-se que o afeto, propósito prometido para essas datas, muitas vezes torna-se coadjuvante. Outro fator primordial para a manutenção da célula familiar nuclear cristã é a sobrevivência desse novo capitalismo. Sem a célula da família, o neoliberalismo desmorona, assim como pesaria para o Estado (almejadamente mínimo) suprir as necessidades básicas de tantas pessoas desempregadas, doentes e ‘descartáveis’. Pessoas essas que são assistidas por membros da família. Pais e mães assistem filhos e filhas e o contrário também acontece, por exemplo. Tudo é planejado – a fim de se tirar vantagens – e proveitoso para o neoliberalismo, para os mercados, para as demandas materiais.

De acordo com Avelino (2016), o papel de poder da racionalidade neoliberal não está ligado tanto na produção de comportamentos, mas na correção, na incitação e no ajuste desses comportamentos a fim de manipular sujeitos de acordo com as demandas do mercado e o ambiente econômico.

Além disso, infância, educação, sexualidade, uso de drogas, a relação com outros seres vivos e com o planeta, e também o amor, a amizade, a simpatia, até mesmo a morte, deixam de integrar o campo de experiência possível dos indivíduos para se tornarem bens de consumo, investimentos em capital humano. No ambiente neoliberal não há experiência de si possível, na medida em que não há nele comportamento que não seja resposta a estímulos ambientais (Avelino, 2016, p. 277).

Com relação a essa tentativa de ‘corrigir’ e moldar sujeitos, percebo que membros da iniciativa privada, que são comumente representados pelo empresariado ou por outros dirigentes igualmente treinados a pensarem de acordo com a racionalidade neoliberal, são ‘responsáveis’ a fazerem de seu time o mais uniforme possível e seus esforços muitas vezes não se limitam a questões técnicas que podem requerer certa padronização de atividades, mas especialmente a ‘modos de ser’ – estrategicamente camuflados em palavras e narrativas como ‘família’, ‘sucesso’, ‘lucro’, ‘união’, ‘amizade’ e ‘felicidade’, por exemplo. Em outros termos, apesar da proteção jurídica que defende a democracia brasileira, há inúmeras brechas que são materializadas em discursos velados.

No que concerne a esses discursos, Fairclough (2000) discute sobre a inclusão de diferentes narrativas (algumas já apontadas anteriormente) – tais como progresso, oportunidade de ‘crescimento’ através de intensa competitividade –, que demandam ações – ex.: livre comércio, a desburocratização do Estado, ‘flexibilidade’ no trabalho, ‘modernização’, ‘qualidade’, entre outras. Para o autor, esses projetos discursivos contribuem para criar novas relações sociais, novos valores, novos ‘modos de ser’, que afetam (e transformam) diferentes áreas da vida, assim como são vistos em diferentes tipos de discursos, como o discurso econômico, o discurso educacional, o discurso político, assim como discursos que não são diretamente ligados ao neoliberalismo, mas são fortemente afetados por ele, como o discurso da insegurança – reduzido à esfera individual – gerado por toda essa ‘flexibilização’ nas relações de trabalho – fazendo da insegurança um ‘desafio’ que podemos e devemos superar e ‘vencer’, tornando-a

uma virtude, enquanto a dependência do bem estar social é visto como uma falha. Exemplo disso é o empreendedor de si mesmo.

Fairclough (2010) argumenta que a linguagem da gestão empresarial (e dos negócios) também colonizou diferentes instituições públicas e organizações, tais como a universidade, em que a fluidez de práticas sociais locais em países ao redor do globo é vista em discursos que são globalmente disseminados por organizações como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. Portanto, de acordo com o autor, a ideia comum de o neoliberalismo ser visto como uma ordem socioeconômica está associada a uma orientação discursiva, sugerindo que a língua tem um papel fundamental nas mudanças socioeconômicas da contemporaneidade (mais do que era visto no passado) – assim, a análise do discurso tem uma importante contribuição em pesquisas que almejam uma transformação nesse projeto político que não teme em remover obstáculos para atingir seus objetivos.

3 Análise Crítica do Discurso

A análise do discurso é um termo guarda-chuva que ancora diferentes, perspectivas teórico-metodológicas, dentre elas a Análise Crítica do Discurso (ACD), que uso como base para esse artigo. Dentre os fundadores da ACD, podemos citar van Dijk, que tem realizado discussões acerca de questões sócio-cognitivas (1987, 1988, 1998) em suas pesquisas e Fairclough, que tem um considerável repertório de publicações ligadas ao neoliberalismo, como discutido anteriormente. Nesse estudo, ambos os autores são usados como base para as discussões que proponho fazer ao longo desta seção.

Como apontado anteriormente, o empresariado pode influenciar sua equipe de trabalho, não apenas no que concerne às atividades (técnicas) específicas de uma função, mas também com seu poder social – a fim de manipular ‘modos de ser’, como se comportar, pensar e votar. Para van Dijk (2020), grupos dominantes podem ser chamados de ‘elites simbólicas’ que controlam toda uma estrutura social – tais como tópicos a serem discutidos, padrões morais, crenças, valores e ideologias, por exemplo. Nesse controle há sujeitos sociais que podem ser vítimas de manipulação e relações de poder são protagonistas nesse cenário – pais têm poder sobre filhos, professores sobre alunos, chefes sobre funcionários etc. (van Dijk, 2020). De acordo com o autor, a manipulação é uma forma de dominação materializada no uso que sujeitos fazem do discurso em contextos específicos, incluindo aspectos verbais e não verbais. Como van Dijk argumenta, as elites simbólicas detêm o ‘poder simbólico’ em função de seus ‘recursos simbólicos’. No caso do empresariado, os recursos simbólicos podem estar associados à capacidade de empreender, de ‘sucesso’, de ‘superar obstáculos’ e de ‘prosperar’ economicamente, por exemplo.

Dentro de sua discussão sobre elites simbólicas, van Dijk nos apresenta o conceito de ‘ressalvas’, que é uma das categorias analíticas usadas para esse artigo. Ressalvas (*Disclaimers*) são movimentos semânticos que têm o intuito de favorecer o ‘nós’ (grupos dominantes) e desqualificar o ‘eles’ (grupos marginalizados) (van Dijk, 2020). Segundo o autor, há algumas classificações que podem ser percebidas para as ressalvas, tais como: negação aparente; concessão aparente; empatia aparente; desculpa aparente; inversão (culpar a vítima) e transferência. Adapte algumas dessas classificações com exemplos que criei a partir de comentários que poderiam ser utilizados, caso o empresariado defenda as narrativas hegemônicas de

defesa do neoliberalismo, a fim de manipular e/ou coagir seus funcionários para que se alinhem com seus vieses político-ideológicos.

Os exemplos são mostrados a seguir: i) negação aparente: “Não tenho nada contra pessoas em situação de rua, mas às vezes acho que não se esforçam com tanto emprego por aí e a esquerda só vai deixar essa gente mais folgada.”; ii) concessão aparente: “Entendo as questões sociais e acho importante, mas daqui a pouco viramos uma Venezuela se o Estado inventar de ser o pai de todo mundo, coisa que a esquerda sempre tentou fazer.”; iii) empatia aparente: “Com certeza desigualdades sociais existem, mas acredito que quem realmente quiser chega lá, veja o João que cursou medicina e Mariana que abriu sua empresa.”; iv) ignorância aparente: “Sei lá se o Brasil tem realmente essa desigualdade toda, até porque a gente sabe que essas pesquisas também podem ser manipuladas né.”; v) desculpa aparente: “ai, gente, desculpa, por mais que o Bolsonaro tenha seus defeitos e às vezes pode ser desastrado em suas falas, ele incentiva a movimentação do mercado e quem realmente tá a fim de trabalhar, empreende, prospera, vejam o meu exemplo.”; vi) inversão (culpar a vítima): “a esquerda que avacalhou, até votei no Lula na primeira vez que ele se candidatou, mas daí virou essa bagunça toda – com tentativa de destruição da família, de implantar o comunismo, ‘ideologia de gênero’, de inflar o Estado, de vitimizar quem não trabalha, além de só separar as pessoas, pois somos todos humanos: brancos, negros, heteros, gays... muito mi mi mi, não se pode mais falar mais nada.”; vii) transferência: “eu não tenho problema com minoria nenhuma, só acho que se fazem de vítima, são cheios de raiva e querem tratamento especial – se trabalharem vão prosperar e ser felizes e gente feliz não incomoda”. Assim, vê-se que o discurso pode favorecer elites simbólicas, uma vez que textos escritos e orais podem ser usados como estratégias para influenciar pessoas a fim de que o poder se mantenha (van Dijk, 2020).

No entanto, esse poder é vulnerável e sujeitos podem aceitar e naturalizar ou resistir e contestar discursos hegemônicos. De acordo com Fairclough (2003), a análise textual (parte da análise discursiva) está relacionada a ‘ordens do discurso’ que não limitam sua composição com elementos linguísticos como substantivos ou frases, mas com discursos, gêneros e estilos – que são sinônimos de ‘vozes’, ‘modos de ser’ ou identidades – que permitem, controlam e excluem possibilidades em esferas particulares da vida social.

No que concerne à inclusão e à exclusão de vozes de textos, Fairclough (2003) aponta os conceitos de intertextualidade e pressuposição, que podem ser estrategicamente utilizados em diferentes discursos. Nesse estudo, recorro a ambos os conceitos de intertextualidade e de pressuposição para as análises. De acordo com Fairclough, a primeira coisa que devemos ter em mente quando falamos em intertextualidade é a presença de elementos de outros textos dentro de um texto – que pode ser atribuído explicitamente, usando um texto ou pensamento reportado ou sem uma atribuição explícita. Com relação a essas atribuições, o autor apresenta duas formas distintas: atribuição/citação direta e atribuição/citação indireta. Enquanto a primeira usa as mesmas palavras do autor, entre aspas, a última parafraseia parte de um texto usando outras palavras. Com relação à atribuição/citação direta, há uma relação entre os autores do texto original e o texto reportado, assim como há uma relação entre o texto reportado e o resto do texto original, que pode desencadear diferentes tipos de discursos (Fairclough, 2003).

Fairclough também argumenta que há vozes que são excluídas de um texto (e de um discurso) a fim de se manter ideologias por meio de poder social. Desse modo, o autor afirma que enquanto a intertextualidade permite a diferença e há o diálogo entre a voz do autor do texto (original) e outras vozes, também há a pressuposição, que reduz a diferença e reforça o

que é presumido pelo senso comum como uma verdade inquestionável. Ele apresenta diferentes tipos de pressuposições que também criei exemplos, adaptados para essa pesquisa, de discursos que podem ser reproduzidos pelo empresariado: i) pressuposições existenciais: está relacionado a algo que existe, caracterizado por marcadores de referentes definidos, como artigos definidos e demonstrativos (o/a/os/as, este/esta/isto, aquele/aquela/aquilo, entre outros). Ex.: “O comunismo destruiu vários países ao redor do mundo.” presume que o comunismo existe/existiu; ii) pressuposições proposicionais: está associado sobre algo que é, pode ser ou será o caso. Ex.: “Se o PT entrar novamente no poder, o mercado será fechado e teremos um comunismo no Brasil.”; iii) pressuposições de valor: está associado sobre algo considerado bom e desejável. Ex.: “O capitalismo é o melhor sistema que existe, pois as pessoas são livres para crescerem e prosperarem.”; iv) pressuposições lógicas: está relacionada a implicações lógicas inferidas a partir de características da língua. Ex.: “Ele é esforçado, portanto terá um futuro brilhante!”.

No que concerne a ideologias e pressuposições, há sistemas de valores que podem ser percebidos em discursos particulares, como o discurso neoliberal, com características como ‘eficiência’ e ‘adaptabilidade’ sendo consideradas coisas boas e desejáveis e todos os tipos de pressuposições apontados acima – e os discursos que as compreendem –, em determinados momentos, podem ser denominadas pressuposições ideológicas, pois universalizam significados particulares e têm o intuito de manter a dominação e poder sociais (Fairclough, 2003). O trabalho da ideologia visa reforçar ideias do senso comum e naturalizar construções da realidade social de forma sutil a fim de convencer diferentes grupos sociais, assim, quando seu trabalho é menos visível, torna-se mais eficiente para manter assimetrias em relações de poder e as pressuposições são elementos fundamentais para esse trabalho no nível do discurso (Fairclough, 1989, 2019) e isso é aqui analisado.

Após discutir a base teórica na qual esse estudo está inserido, na próxima seção apresento a metodologia, seguida das análises e discussões.

4 Metodologia

Como afirmei anteriormente, nessa pesquisa analiso o discurso do proprietário da Havan, assim como outros discursos que interagem com o dele, como o do cantor Sérgio Reis e supostos discursos de funcionárias(os). O critério de seleção está relacionado às postagens em que há a demonstração dos vieses político-ideológicos dos autores dos discursos entre os meses de setembro e novembro de 2022, datas que estão relacionadas ao período eleitoral – três delas antes do período eleitoral; outras três entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais e uma após o período eleitoral. O primeiro turno das eleições presidenciais ocorreu no dia 02/10/2022 e o segundo turno no dia 30/10/2022. O objetivo é investigar se esses discursos tentam manipular, intimidar e coagir funcionárias(os) ou, mesmo diante de possíveis divergências político-ideológicas, há abertura e liberdade para a expressão de outros modos de ser. Também como afirmei anteriormente, para esse estudo, que é de caráter qualitativo, recorro à perspectiva teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1989, 2003, 2010, 2019; van Dijk, 2020), em que uso as categorias analíticas de ressalvas, intertextu-

alidade e pressuposições, e ao conceito de neoliberalismo (Avelino, 2016; Bazzicalupo, 2017; Fairclough, 2000, 2010; Safatle, 2021).

A organização para as análises foi realizada de forma cronológica. As postagens analisadas são materializadas em vídeos curtos, que foram transcritos, textos escritos nas postagens, assim como legendas. Em função de escolhas teórico-analíticas, nessa pesquisa, trabalho, exclusivamente, com textos verbais. A primeira postagem publicada é um vídeo, no dia 05/09/2022, com 52,2 mil curtidas e 1.549 comentários. A segunda postagem foi publicada no dia 21/09/2022, há 5.850 curtidas e 102 comentários. A terceira postagem foi publicada no dia 26/09/2022 e há 3.019 curtidas e 47 comentários. A quarta postagem publicada é um vídeo, no dia 17/10/2022 e há 42,9 mil curtidas e 750 comentários. A quinta postagem foi publicada no dia 22/10/2022, onde há 19,9 mil curtidas e 458 comentários. A sexta postagem publicada foi no dia 30/10/2022 e há 48,7 mil curtidas e 1908 comentários. A sétima e última postagem publicada é um vídeo, no dia 07/11/2022, com 131 mil curtidas e 4.114 comentários. O número de curtidas e comentários foram contabilizadas no momento da escrita do presente artigo.

Na hora da seleção, limitei-me aos trechos que entendi serem mais relevantes de acordo com os critérios da escolha dos dados – postagens com discursos, que mostram o posicionamento político-ideológico, do proprietário da Havan e outros interlocutores em datas relacionadas às eleições presidenciais de 2022, que são apresentadas na próxima seção.

5 Análises e discussões

Como explicado anteriormente, as análises e discussões se dividem em sete itens e são apresentadas a seguir.

(1) Data: 05/09/2022 (vídeo transcrito):

- 1) Excerto 1. Luciano: Bom dia, pessoal! Ô vidão, graças a Deus hoje é segunda-feira! Estou com meu amigo, Sérgio Reis. [...] Sérgio, fala com o nosso público aí.

No excerto “graças a Deus hoje é segunda-feira” temos dois pontos que merecem ser levantados, o primeiro é a questão ‘religiosa’, em que o autor faz uso da pressuposição existencial para falar de Deus. Desse modo, não há margem para outras vozes questionarem a existência dele, em função da interjeição “graças”, que expressa gratidão – a algo que supostamente exista. A segunda questão é sobre essa ‘gratidão’, que há uma pressuposição de valor, em que o autor atribui a segunda-feira a ser um dia da semana a se comemorar e a agradecer.

Se recorrermos a nossa esfera cultural, veremos que o que acontece é o contrário, a segunda-feira é tipicamente vista como um dia ruim para trabalhadoras/es contemporâneas/os brasileiras/os, pois é o início de uma (longa) semana de trabalho – discursos que atribuem o trabalho como algo ruim são comumente materializados em redes sociais, como em *memes*, por exemplo. Aqui podemos elencar algumas questões da origem desses discursos, como a precarização de trabalho, informalidade, condições análogas de escravidão, ‘uberização’ e o próprio desemprego. Por exemplo, para uma pessoa que está em um nível hierárquico elevado de algum cargo, a segunda-feira pode ser uma data ‘a ser comemorada’, uma vez que desafios, resoluções, conquistas entram em cena. Para uma pessoa que trabalha com construção civil (na função de pedreiro) embaixo de um sol e calor de 40 graus, não raro com sensação térmica

de 50, a segunda-feira pode ser um tormento, pois mais uma semana de desconforto físico (e mental) será experimentada. Da mesma forma que uma trabalhadora que acorda de madrugada, pega dois ou três ônibus para trabalhar longas horas – em situações precárias – e volta tarde da noite, cansada, muitas vezes com filhos pequenos esperando em algum vizinho ou parente, a segunda-feira pode ser o início de um ciclo de atividades e dias exaustivos, injustos e não recompensados da forma adequada.

Portanto, por meio dessas pressuposições vê-se a tentativa de universalizar um discurso particular, em que a segunda-feira ‘é vista como boa’. Aqui, também é importante ressaltar a intencionalidade desse discurso. Por exemplo, o autor do discurso é proprietário de uma grande organização empresarial e têm milhares de funcionárias(os). Desse modo, percebemos que a intencionalidade desse discurso é para beneficiá-lo, pois se trabalhadoras(es) ‘agradecem’ pela segunda-feira e, portanto, trabalham de forma mais ‘entusiasmadas’, podem inclusive trabalhar mais do que deveriam e há mais produção e lucro.

O discurso neoliberal é o cerne dessa curta fala “Ô vidão, graças a Deus hoje é segunda-feira”. Por meio desse discurso, o individual prevalece em detrimento ao social, coletivo e político. Presume-se que todas as pessoas têm (ou deveriam ter) um ‘vidão’, assim como gostam de segunda-feira, como discutido anteriormente. Aqui também há projetos linguísticos e semióticos, como argumentado por Fairclough, em que a necessidade de ‘sucesso’ e de ‘vencer’ está incorporada no discurso neoliberal. Não importa as circunstâncias, o ‘sucesso’ relacionado a narrativas como ‘felicidade’, ‘coragem’, ‘resiliência’, ‘superação’, ‘condicionamento mental’ etc. também estão presente no discurso neoliberal, que há um enfraquecimento do social e do político e, por conseguinte um enfraquecimento da democracia, assim como o fortalecimento do individual, junto com seus riscos e ‘coragem’ de assumi-los.

Na sequência, o autor do excerto fala “Estou com meu amigo, Sérgio Reis. [...] Sérgio, fala com o nosso público aí”. Aqui, temos a presença da intertextualidade. O autor da fala apresenta outra voz que irá compor o cenário. A presença da intertextualidade tanto pode trazer uma ideia contraditória ao texto ‘original’, complementá-lo ou ainda fortalecê-lo, com o intuito de legitimá-lo, por exemplo. Essa outra voz é apresentada nos próximos parágrafos, seguida das análises.

- 2) Excerto 2: Sérgio Reis: [...] você que é preguiçoso, vagabundo, sem vergonha, vá trabalhar como nós. Eu estou há 64 anos trabalhando, estou muito feliz, porque faço o que gosto. Procure fazer aquilo que você gosta, como ele, que é um empresário bem-sucedido [...] vem cedo pra cá, trabalha e ainda manda essa mensagem pra vocês. Fica a nossa mensagem de alegria, de ternura, de força para que você continue trabalhando. [...] Pense alto que você vai chegar lá.

No excerto “você é preguiçoso, vagabundo, sem vergonha, vá trabalhar como nós” percebe-se o movimento semântico de ressalva dentro da classificação de ‘inversão’. A inversão se caracteriza por qualificar (“vá trabalhar como nós”) os grupos dominantes que também podem ser chamados de elites simbólicas, e desqualificar grupos marginalizados, que, neste contexto, podemos pensar em pessoas que estão desempregadas ou não tem a qualificação exigida em função de complexas estruturas e desigualdades sociais, provindas de raízes históricas, políticas e culturais. Ainda no contexto desse excerto, há a pressuposição de valor que gostaria de enfatizar como ideológica. Em outros termos, percebe-se que o autor atribui, por

meio da pressuposição de valor (e ideológica), o não trabalho – ou o desemprego – a uma questão de escolha, e o relaciona com à preguiça, à ‘vagabundagem’ e à ‘sem vergonhice’.

Enfatizo a pressuposição ideológica (em que todos os outros tipos de pressuposições podem tê-la), em função de o autor do excerto relacionar o (excesso de) trabalho à ‘dignidade humana’, a um valor demasiadamente enaltecido e, desse modo, aqueles que não trabalham por quaisquer razões – que incluem questões socioeconômicas e sociopolíticas, desencadeando o desemprego – são taxados por termos pejorativos, pois segundo a lógica neoliberal, tudo é uma questão de escolha e força de vontade. Desse modo, discussões históricas e culturais, como o racismo estrutural, que afeta diretamente o desemprego e a falta de qualificação, são totalmente ignoradas. A narrativa da ‘meritocracia’ torna-se protagonista e se alia a outros projetos discursivos, tais como a ideia de ‘progresso’, ‘oportunidade’ e ‘liberdade’. Aqui também entram em cena os excessos de trabalho – que são defendidos pelo autor por meio de pressuposição –, o aceite do trabalho precário ou até análogo à escravidão, como vem sendo mostrado frequentemente pela imprensa nos últimos tempos. Todas essas narrativas fazem parte do neoliberalismo, que é um enorme projeto linguístico e semiótico, a fim de gerir pessoas em suas vidas pessoais, no trabalho, e em suas vidas políticas.

Na sequência, quando o autor do texto afirma “eu estou há 64 anos trabalhando, estou muito feliz, porque faço o que gosto. Procure fazer aquilo que você gosta, como ele, que é um empresário bem-sucedido [...] vem cedo pra cá, trabalha e ainda manda essa mensagem pra vocês. [...] Pense alto que você vai chegar lá.” vemos, por meio da intertextualidade, o fortalecimento e a legitimação do discurso do ‘autor original’. Ambas as vozes produzem o discurso neoliberal com narrativas como ‘sucesso’, ‘felicidade’, ‘gratidão’, ‘exemplo’ (a ser seguido), ‘mérito’, ‘trabalho duro’, entre outras.

(2) Data: 21/09/2022 (postagem/legenda)

- 3) Excerto 3: Luciano: encontre as pessoas certas e dê liberdade a elas. DÊ LIBERDADE COM RESPONSABILIDADE!
- 4) Excerto 4: autora/autor indefinida/o: A Havan é um sucesso por ser uma grande família e, junto com o Luciano Hang, temos as pessoas certas ao nosso lado.
- 5) Excerto 5: autora/autor indefinida/o: Nossos 22 mil colaboradores têm liberdade para expressar suas ideias e, com responsabilidade, sempre pensam no melhor para a Havan. Dessa forma, todos crescemos e nos desenvolvemos juntos: nossa empresa, equipe e o Brasil, é claro.

No excerto “dê liberdade com responsabilidade”, vê-se o uso de um movimento semântico chamado concessão aparente, pois ‘a liberdade’ é dada ‘desde que’ seja com ‘responsabilidade’. Aqui há uma pressuposição de valor, em que a ‘responsabilidade’ é considerada algo universal, positivo e desejável. Posteriormente, temos a presença de intertextualidade, pois há uma nova voz que se refere ao dono da Havan em terceira pessoa “a Havan é um sucesso por ser uma grande família e, junto com o Luciano Hang, temos as pessoas certas ao nosso lado”. Aqui, vemos o uso da narrativa ‘família’, em que há a tentativa de demonstração de um senso de intimidade e proteção, que é fabricada culturalmente nas relações de trabalho de organizações privadas, em sociedades capitalistas avançadas. No excerto “temos as pessoas certas ao nosso lado” há uma pressuposição de valor, em que há perfis desejáveis para fazer

parte ‘dessa família’ e pessoas que não são bem vindas. Perfis esses que já foram demonstrados anteriormente: que não ‘inventam’ desculpas, adoram segunda-feira e trabalham ‘duro’.

Na sequência, quando os autores do texto afirmam – aqui as vozes se misturam em função da quebra de parágrafo e do uso da primeira pessoa do plural – “nossos 22 mil colaboradores têm liberdade para expressar suas ideias e, com responsabilidade”, a ideia de liberdade de expressão de ideias é condicionada, novamente, a narrativa ‘responsabilidade’. Percebemos a tentativa de infantilização de atores sociais – funcionárias(os) – por meio de um discurso paternalista que mistura a narrativa ‘família’ para legitimar a ‘responsabilidade’. Dito de outro modo, a narrativa ‘responsabilidade’ é comumente usada por mães, pais ou responsáveis de crianças e jovens. Dessa forma, vê-se que o proprietário da Havan afirma dar liberdade – com responsabilidade – para funcionárias(os), enquanto o que acontece é que essa liberdade é determinada de acordo com o que ele entende por ‘responsabilidade’, que pode – e deve – diferir significativamente dos 22 mil funcionários que afirma ter. Assim, modos de ser são geridos e controlados, que são comumente evidenciados no discurso neoliberal.

(3) Data: 26/09/2022 (postagem/legenda)

- 6) Excerto 6: Luciano: Desculpas ou resultados? Você pode ter um ou outro, nunca os dois! Não fique dando desculpa para tudo, corra atrás dos objetivos e mostre resultados! Problemas todos enfrentamos diariamente, mas o que muda é a forma que você encara e resolve eles. Lembre-se: lamentar não muda nada, é preciso fazer a diferença. As mudanças e realizações na sua vida só dependem de você. Me conte aqui, você é de mostrar resultados ou inventa desculpa para tudo?

No excerto “Desculpas ou resultados? Você pode ter um ou outro, nunca os dois!” vê-se um binarismo simplista por meio da conjunção alternativa “ou”. Dito de outro modo há apenas duas possibilidades: isso ou aquilo. Quando o autor do texto afirma “nunca os dois” há o uso da pressuposição proposicional, pois está relacionado a um ‘fato’ e, nesse contexto, possibilidades outras não existem. No excerto “corra atrás dos objetivos e mostre resultados” percebe-se o uso da pressuposição lógica, uma vez que atribui a falta de resultados a uma mera questão de escolha. Isso é complementado no excerto “problemas todos enfrentamos diariamente, mas o que muda é a forma que você encara e resolve eles”.

Aqui, ressalto a pressuposição de valor e também a ideológica. Em outros termos, quem resolve – individualmente – seus problemas é visto como superior dentro de uma cadeia hierárquica e rapidamente deslocado a narrativas como ‘superação’, ‘sucesso’, ‘felicidade’ e ‘resiliência’, por exemplo. As mesmas pressuposições – de valor e ideológica – são percebidas no excerto “as mudanças e realizações na sua vida só dependem de você”, em que atribui, ideologicamente, um valor significativamente maior a quem ‘vence’. Nesse sentido vê-se o destaque da narrativa ‘competição/competitividade’ – ‘vencer’ outras pessoas e sobressair-se diante dessa lógica individualista.

Ressalto que os problemas sugeridos que se resolvam individualmente muitas vezes são questões de ordem coletiva, social e política. Por exemplo, uma mulher preta e pobre, que é violentada pelo marido e sofre constantemente de racismo pode não ‘gerar resultados’ da mesma forma que um homem branco de uma classe social privilegiada. No entanto, o discurso neoliberal ignora questões sociopolíticas, pois como afirma Davis (2022), sem o racismo estrutural, violência de gênero e desigualdade socioeconômica, ele não sobrevive.

Além disso, esse discurso fere a ordem democrática, pois recortes de classe, raça, gênero, sexualidade, etnia, entre outros, afetam a participação política, direta ou indiretamente, das pessoas. Por exemplo, um sujeito heterossexual branco, rico, dono de uma empresa que fatura milhões por dia, como o autor desse texto, faz parte de um grupo dominante que tem muito mais recursos – simbólicos e materiais – do que um transexual subalternizado. Esse sujeito pode tanto influenciar milhares de funcionárias(os), como diversos outros grupos sociais que os enxergam como um exemplo de ‘sucesso’. Esse sujeito pode influenciar todas essas pessoas para votar em seus candidatos, tentando convencê-las, por meio de práticas discursivas veladas, como o uso de pressuposições, de que esses candidatos irão beneficiar suas vidas, enquanto na verdade está interessado em beneficiar a sua própria e daqueles que fazem parte do mesmo grupo social dominante que participa.

Argumento que quanto mais ‘projetos neoliberais’ um candidato oferecer, mais chances de conquistar o empresariado e reduzir a força política de uma nação. É importante salientar que o neoliberalismo não é apenas um sistema econômico, mas, como discutido anteriormente, todo um enorme projeto linguístico e semiótico e uma engenharia social que tenta, por meio de ‘um convite’ sutil, determinar como devemos nos comportar, agir, pensar, crer e sentir.

(4) Data: 17/10/2022 (vídeo transcrito)

- 7) Excerto 7: Luciano: Ô vidão, graças a Deus, hoje é segunda-feira. O pessimista é aquele que torce para dar errado para ele estar certo. Mas você, que me segue, não pode ser um pessimista, aquele que toma vinagre de manhã cedo, aquele que está sempre com azia para encher a paciência dos outros. Você tem que ser aquele otimista, que tudo acredita que vai dar certo, que é uma pessoa de bem com a vida e ajuda as outras pessoas a serem felizes. O bom da vida é ser sempre aquela pessoa que entusiasma as outras, que faz com que a vida das pessoas seja cada vez melhor. Então, não seja pessimista. Seja um otimista. Ô vidão, graças a Deus, hoje é segunda-feira. Vamos para a frente, pessoal.

No excerto “o pessimista é aquele que torce para dar errado para ele estar certo. Mas você, que me segue, não pode ser um pessimista” percebe-se o uso da pressuposição de valor. Aqui, há uma idealização de modos de ser. Em outros termos, quem é otimista é visto como superior, pois independente de quaisquer adversidades ‘continua otimista (e feliz)’. Além do discurso neoliberal, o autor reproduz o discurso da felicidade, em que há uma obrigação em ser feliz em quaisquer circunstâncias (Cabanas; Illouz, 2022). Esse discurso, comumente reproduzido em sociedades capitalistas avançadas, associa à felicidade a uma questão de escolha e aqui, o otimismo entra em cena. Ao tentar condicionar as pessoas a ser ‘felizes’, como se fosse uma mera projeção mental, esse discurso as distrai da precarização de suas vidas, não percebendo, tampouco questionando, todo esse projeto semiótico governado, eficientemente, pelo neoliberalismo.

No excerto “mas você, que me segue, não pode ser um pessimista” também vemos o uso da pressuposição proposicional, em que expressa o que é o caso, nesse contexto, pessoas não otimistas não são bem-vindas como seus seguidores e, conseqüentemente, como ‘amigos’ de sua empresa, uma vez que a conta usada para dar esse recado é o da empresa. Desse modo, esse discurso coage funcionárias(os) para que reproduzam determinados modos de

ser: otimista, ‘feliz’, grato, positivo e quem não se encaixa nesse padrão demandado pelo neoliberalismo não é bem vindo em sua empresa.

Na sequência, vemos o reforço dessa tentativa de determinação de modos de ser, em que o autor ressalta o público que não é bem vindo à rede social de sua empresa – e por extensão à sua empresa física: “aquele que está sempre com azia para encher a paciência dos outros”. Historicamente falando, sujeitos que resistem a uma ordem social que privilegia uma esfera dominante da sociedade não são vistos com bons olhos por pessoas que desejam a manutenção do *status quo* e as punições para esse comportamento de resistências podem variar de acordo com o momento histórico e cultural.

Em períodos de ditaduras militares, não só no Brasil, mas em diferentes partes do globo, violências físicas, prisão e extermínios de grupos sociais que resistem à ordem social e política vigente eram recorrentes. Já em sociedades (supostamente) democráticas como a nossa, esse tipo de violência institucionalizada e ‘amparada’ pela lei – afinal é ‘baderneiro’, ‘malandro’ e ‘vagabundo’ quem é ‘contra a moral e os bons costumes’ e deseja mudança social – já é vista com maus olhos por muitos que fazem parte dela. No entanto, aqui, outros tipos de violência entram em cena, em que o discurso é protagonista. Assim, ao ‘convidar’ funcionárias(os) a não mais seguirem as redes sociais da empresa em que trabalham, e conseqüente não fazerem mais parte da empresa, caso não se encaixem em determinados modos de ser, o autor do texto faz uso de violência por meio de estratégias discursivas veladas. Alguém pode tentar argumentar: mas as pessoas são livres e podem escolher outros empregos. Porém, em uma sociedade em que a valorização da ‘beleza’, juventude e outros valores estão acima de (quase) tudo e, conseqüentemente, há um alto índice de etarismo, uma pessoa com 50 ou 60 anos de idade pode não se sentir livre nesse contexto, quando há outros dependendo dela para comer, por exemplo.

Desse modo, esse tipo de estratégia discursiva deve ser ‘revelada’ (e até mesmo denunciada quando a lei amparar) para que diferentes atores sociais se conscientizem que há empresários, como o autor desse texto, que querem seu bem-estar enquanto suas forças produtivas dependerem desse bem-estar. No entanto, oprimem identidades, crenças, valores e posições política-ideológicas divergentes daquilo que defendem e, desse modo, ferem a ordem democrática. O autor reforça suas estratégias discursivas quando complementa “você tem que ser aquele otimista”. O verbo *ter* remete a obrigação e ordem. Portanto, percebemos uma ordem para que as pessoas tenham determinado modo de ser: otimismo. Aqui, vemos a pressuposição ideológica, em que um tom autoritário entra em cena, que é reforçado no excerto “não seja pessimista. Seja um otimista.”, em que há o uso do imperativo, comumente usado para dar ordens.

A autoridade e a força são traços comuns de discursos produzidos por grupos sociais conservadores e de extrema-direita, como vistos em diferentes regimes ditatoriais. Contudo, atualmente, o discurso autoritário que seguidores do neoliberalismo produzem soa como um convite, um toque e um ‘empurrão’ para o ‘bem-estar’ da sociedade. Enquanto na verdade, as violências só mudam de tonalidade e se tornam mais sofisticadas.

(5) Data: 22/10/2022 (postagem/legenda)

- 8) Excerto 8: Luciano: É na ousadia dos sonhos que estão as grandes conquistas. OUSE! Se você quer fazer algo diferente, inovador e original, tenha coragem de ousar e fazer o que outras pessoas nunca fizeram. Não tenha medo de criar algo novo. Faça, mesmo que tentem de dizer o contrário.

- 9) (Excerto 9: supostas/os funcionárias/os: O nosso chefinho, Luciano Hang, diz: “Cuide para não ficar escutando os especialistas, que são pessoas negativas que nunca fizeram nada, só ficam na teoria e não partem para a prática”. Acredite nos seus objetivos e tenha determinação para fazer o que quiser. Você pode tudo! Compartilhe com alguém que precisa ler essa mensagem!

Nesses excertos, primeiramente vemos a voz do dono da Havan, autor ‘original’ do texto. Com relação à segunda parte, temos a presença de intertextualidade, em que outras vozes, supostamente de funcionárias(os) iniciam o texto com “o nosso chefinho, Luciano Hang, diz”. Aqui, temos o uso do diminutivo chefinho. Um dos motivos dos quais se usa o diminutivo é o com o intuito de transmitir afeto, carinho, e intimidade, assim como o diminutivo chefinho é comumente usado por funcionárias(os). Desse modo, por meio desse excerto, percebe-se a demonstração de supostos sentimentos positivos sobre o chefe.

Uma vez que funcionárias(os) demonstraram ser próximas(os) do chefe, logo trazem a voz dele novamente para o texto através da atribuição direta: “cuide para não ficar escutando os especialistas, que são pessoas negativas que nunca fizeram nada, só ficam na teoria e não partem para a prática”. Aqui, há o uso de pressuposições de valor e ideológica. Por meio dessas pressuposições, o autor desqualifica algumas esferas da sociedade, como a educação, a ciência e a filosofia. Esferas essas que são comumente atacadas por discursos de extrema-direita. Assim, para o autor, essas esferas não devem ser valorizadas e tampouco levadas em consideração. Por meio das pressuposições de valor e ideológica, ele também coloca atores que compõem essas esferas numa posição inferior e não dignas de respeito, uma vez que atribui a essas pessoas adjetivos como ‘negativo’ e já deixou claro o que pensa de pessoas supostamente ‘negativas’ e ‘pessimistas’ – seres desprezíveis em seu rol de convívio e que “nunca fizeram nada”.

Argumento que ao expressar publicamente o discurso neoliberal, anti-ciência/educação e de extrema-direita e usar supostas(os) funcionárias(os) que estariam apresentando aquela fala como se fosse universal e concordassem com ele é uma violenta tentativa de coação, intimidação, e ameaça veladas. Dentro de milhares de pessoas que trabalham nessa instituição, será que todas tem essa visão distorcida desses setores da sociedade? Ressalto que é uma pergunta retórica e, portanto, aqui, mais uma vez, o autor ‘original’ do texto demonstra intolerância com educadores, cientistas, filósofos e intelectuais de modo geral. O que ele chama de ‘pessoas negativas’ são, na verdade, pessoas críticas e atentas a questões sociais, políticas e humanas. Como argumenta Rajagopalan (2003):

[...] o educador crítico [aqui também podemos pensar em outros atores citados acima] atrai, via de regra, a ira daqueles que estão plenamente satisfeitos com o *status quo* e interpretam qualquer forma de questionamento das regras do jogo estabelecidas como uma grave ameaça a si e à sua situação confortável e privilegiada. A história vem se repetindo desde longínquos tempos na Grécia Antiga, quando Sócrates, o pai da filosofia no mundo ocidental, foi obrigado a se retratar de tudo o que ensinara aos atenienses sob pena de pagar pelo crime de perturbar a ordem com a sua própria vida. O educador crítico sempre foi e sempre será uma ameaça para os poderes constituídos (p.111, 112).

Sendo assim, funcionárias(os) dessa instituição não têm liberdade para pensar e se expressar de forma diferente. Do mesmo modo em que há um ‘convite’ para aqueles que não

partilham do mesmo discurso neoliberal, anti-ciência/educação, e de extrema-direita a se retirarem – por meio de demissão ou outro tipo de rechaçamento – ou, ainda melhor para o autor desse convite, a se renderem e serem aliados aos diferentes tipos de ataques contra esses atores e setores da sociedade, quando, novamente, há também ataques a recente e frágil redemocratização.

(6) Data: 30/10/2022 (postagem/legenda)

- 10) Excerto 10: Há uma mão carregando um crucifixo com a seguinte frase: QUE DEUS PROTEJA O NOSSO BRASIL!
- 11) Excerto 11: supostas/os funcionárias/os: Esse crucifixo nosso chefinho ganhou de um fã em um momento muito especial. Desde então, sempre carrega com ele em ocasiões importantes. Hoje é um dia decisivo para o futuro da nossa Nação. Vamos escolher em qual Brasil queremos viver. A Havan é uma empresa patriota, que gera 22 mil empregos diretos e mais de 150 mil indiretos, e leva desenvolvimento e renda de Norte ao Sul do país. Nós queremos e lutamos por um Brasil livre, próspero e com oportunidades para todos. Por isso estampamos em nosso uniforme nosso amor pela Nação e aquilo que acreditamos: o Brasil que queremos só depende de nós!

O texto acima foi postado no dia do segundo turno das eleições presidenciais de 2022, em que o ex-presidente Jair Bolsonaro tentava a reeleição. No início do texto há a seguinte frase: “QUE DEUS PROTEJA O NOSSO BRASIL!” Aqui há a pressuposição existencial, ou seja, novamente, não há questionamento algum sobre a existência de Deus e, para o autor, a sua existência é um fato incontestável. Ainda, vemos a reprodução de um discurso religioso. Ao reproduzir esse discurso, outros tipos de crenças e a ausência delas, como o ateísmo, são ignoradas e desrespeitadas. Há a universalização de um discurso e de uma crença particular.

Na sequência, podemos observar a intertextualidade com a presença de novas vozes no texto “esse crucifixo nosso chefinho ganhou de um fã em um momento muito especial. Desde então, sempre carrega com ele em ocasiões importantes”. Vozes essas que são supostamente de funcionárias(os). Ao se expressarem, observamos, novamente, o uso do diminutivo que, nesse contexto, indica intimidade, carinho e afeto. Como afirmado anteriormente, esse excerto foi postado no mesmo dia do segundo turno das eleições presidenciais de 2022, motivo pelo qual o autor fala em “ocasiões importantes”.

Posteriormente, essas outras vozes afirmam: “vamos escolher em qual Brasil queremos viver”. Aqui, há a presença de ambas as pressuposições, proposicional e de valor. Por meio dessas proposições, essas vozes indicam que são uníssonas, como observado em “vamos”, com o uso da primeira pessoa do plural, assim como há um valor atribuído quando essas vozes falam em “escolher em qual Brasil queremos viver”. Em outros termos, por meio da pressuposição de valor, essas vozes afirmam que há a possibilidade de escolha, assim como um ideal de Brasil. Essa pressuposição é complementada em “nós queremos e lutamos por um Brasil livre, próspero e com oportunidades para todos”, ou seja, valores como ‘liberdade’ e ‘prosperidade’ são ideais e desejáveis. Aqui, por se tratar de uma organização privada e diante das análises já realizadas, argumento que essa liberdade é meramente comercial, em que o

neoliberalismo prevalece, enquanto a liberdade de expressão e de outros modos de ser já foi demonstrada por diferentes tentativas de coação.

E por fim, no excerto “o Brasil que queremos só depende de nós!” há a presença da pressuposição proposicional, em que apresenta a ideia de que todas as pessoas querem o mesmo Brasil (“O Brasil que queremos”). Nesse momento, vê-se a universalização de desejos particulares. Será que o Brasil que o proprietário da Havan deseja é o mesmo Brasil que todas(os) suas(seus) funcionárias(os) também desejam? Novamente, a pergunta é retórica, pois vemos que esse excerto está alçado pelo discurso neoliberal – que tenta conduzir tudo e todos pela lógica dos mercados.

(7) Data: 07/11/2022 (vídeo transcrito)

- 12) Excerto 12: Luciano: Ô vidão, graças a Deus, hoje é segunda-feira. Tem uma frase muito importante para a nossa vida: depois da tempestade vem a calmaria. [...] Tem uma frase muito importante que pode se dizer sobre este momento: não há mal que sempre dure e nem bem que nunca acabe. [...] Ô vidão, graças a Deus, hoje é segunda-feira. Sempre pra frente, com otimismo e entusiasmo, tudo dá certo na nossa vida.

Oito dias após o segundo turno das eleições presidenciais de 2022, em que o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito, o texto acima é transmitido na conta oficial da Havan no *Instagram*. No excerto “tem uma frase muito importante para a nossa vida: depois da tempestade vem a calmaria” vê-se a presença da intertextualidade, em que o autor ‘original’ do texto traz uma segunda voz, por meio da atribuição direta, para ‘legitimar’ sua mensagem. Na mensagem “depois da tempestade vem a calmaria”, com evidente conotação ao resultado das eleições, temos a presença da pressuposição ideológica, em que essa outra voz é usada para atribuir “a tempestade” ao então presidente eleito. Aqui, observamos a antítese como figura de linguagem, em que apresenta ideias opostas: a tempestade como algo negativo e devastador e a calmaria como algo reconfortante e pacífico. Dito de outro modo, a vitória do presidente nas eleições é demonstrada como algo devastador ao autor do texto.

Na sequência, o autor afirma “tem uma frase muito importante que pode se dizer sobre este momento: não há mal que sempre dure e nem bem que nunca acabe.” Aqui, percebemos, novamente, o uso de intertextualidade, por meio da atribuição direta, ou seja, há a presença de outra voz, com o intuito de embasar e legitimar o pensamento do autor do texto. Nesse outro texto “não há mal que sempre dure e nem bem que nunca acabe”, o autor ‘original’ do texto complementa, por meio da pressuposição ideológica, o que afirmou anteriormente – o mal é a tempestade, que foi a vitória do atual presidente Lula nas eleições de 2022, em oposição ao ‘bem’, que acabou e que foi o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Ressalto, novamente, que todos esses discursos – neoliberal, religioso, anti-ciência/educação, de felicidade, entre outros – foram reproduzidos na conta oficial da Havan no *Instagram*. Estamos falando de uma empresa que tem milhares de trabalhadoras(es) e, seu proprietário faz uso de estratégias discursivas (veladas) para intimidar, coagir e ameaçar funcionárias(os) que possuem um viés político-ideológico divergente do que ele defende. Assim, convido leitoras e leitores, para que possamos, de diferentes formas, contribuir com a conscientização de práticas discursivas violentas e, por meio de resistências, criar novas redes de apoio, denúncias e possibilidades, a fim de fortalecer nossa vulnerável ordem democrática.

Palavras (nunca) finais

A maior inquietação para iniciar esse artigo se deu em função dos diversos casos de assédios realizados por líderes da iniciativa privada, em que coagiam, direta ou indiretamente, funcionárias(os) a votarem em seu candidato, majoritariamente, o ex-presidente Jair Bolsonaro (Mendes, 2022; Souza, 2022). Os casos que puderam ser comprovados, como discutido anteriormente, foram caracterizados como assédio eleitoral e esses atores sociais tiveram que responder pelo que fizeram. No entanto, há diferentes práticas e estratégias discursivas para coagir, intimidar e ameaçar. Práticas essas que podem não ser percebidas pela população leiga e pelo senso comum.

Nesse artigo, analisei discursos produzidos pelo proprietário da empresa Havan, assim como outras vozes de interlocutores, como o cantor Sérgio Reis e supostos discursos de funcionárias(os), que convergiam com o discurso de proprietário da empresa. O conceito de neoliberalismo – com suas narrativas e estratégias – foi usado como base nesse trabalho, assim como a perspectiva teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso, com as categorias analíticas de ressalvas, intertextualidade e pressuposições para as análises. A seleção dos dados foi realizada por meio de sete postagens na conta oficial da Havan no *Instagram*, correspondentes ao período eleitoral das últimas eleições presidenciais – três postagens antes, três durante e uma depois –, em que vídeos foram transcritos e textos de postagens e legendas também foram levadas em consideração para as análises. O estudo teve como objetivo analisar se esses discursos, de caráter político-ideológico, tentam manipular, intimidar e coagir funcionárias(os) ou, mesmo diante de possíveis divergências político-ideológicas, há abertura e liberdade para a expressão de outros modos de ser.

Os resultados demonstram que o discurso do proprietário da Havan não somente tenta manipular, intimidar e coagir funcionárias(os) a pensarem, agirem e se sentirem de acordo com seu viés político-ideológico de extrema-direita, como também houve a inclusão de outras vozes a fim de legitimar e tentar universalizar o seu discurso. Dito de outro modo, o proprietário da Havan não oferece abertura e liberdade para expressão de outros modos de ser e apresenta os discursos de funcionárias(os) como se (todas/todos) fossem convergentes com os seus. Com relação aos discursos identificados, destaco o anti-ciência/educação, religioso de felicidade num viés hegemônico de extrema-direita – convergentes com o discurso neoliberal, que, nesse contexto, pode ser visto com um discurso guarda-chuva, pois abarca os demais.

Ao chegar às linhas finais desse estudo e, a cada vez que faço análise de discurso(s), percebo o quanto práticas discursivas (veladas) são usadas com o intuito de influenciar pessoas como se tais práticas fossem as beneficiar, enquanto o que acontece é o contrário, beneficiam os produtores desses discursos, que são grupos sociais dominantes e elites simbólicas. No contexto específico dessa pesquisa, o neoliberalismo pôde ser visto como um enorme projeto linguístico e semiótico, em que tudo é regulado, envolvendo questões econômicas, sociais, políticas, culturais, psicológicas etc. e o empresariado parece ser um forte representante desse sistema – do qual muitos passam fome, sofrem diferentes tipos de discriminação, são violentados e extintos todos os dias. No entanto, sempre há lugar para resistências por meio de desarticulações e rearticulações de práticas discursivas a fim de contribuir para mudança social.

Penso que no que concerne às limitações do estudo é que foi realizada uma pesquisa com um reduzido número de dados e de uma única organização privada. Assim, sugiro para

pesquisas futuras questionar funcionárias(os) dessa organização a fim de identificar diferentes vieses político-ideológicos: se esses discursos são reproduzidos frequentemente no dia a dia, como se sentem diante deles, se/como afetam suas escolhas políticas e vidas pessoais.

Referências

- AVELINO, N. *Foucault e a racionalidade (neo)liberal*. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 21, p. 227-284, setembro-dezembro 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220162107>
- BAZZICALUPO, L. *Biopolítica*: um mapa conceitual. Tradução: Luisa Rabolini. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017.
- CABANAS, E.; ILLOUZ, E. *Happycracia*: fabricando cidadãos felizes. Tradução: Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- ERNAUX, A. *Os anos*. Tradução: Marília Garcia. 1ª ed. São Paulo: Fósforo, 2021.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and Neoliberalism*. London; Discourse and Society, nº 11, pp. 147–148, 2000.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*: Textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis*: The Critical Study of Language. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2010.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2019.
- FRANCO, F.; CASTRO, J. C. L.; MANZI, R.; SAFATLE, V.; AFSHAR, Y. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (orgs). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1. ed.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- DAVIS, A. *O sentido da liberdade*: e outros diálogos difíceis. Tradução: Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2022.
- MENDES, F. *Casos de assédio eleitoral sobem quase 1.300% em comparação com 2018; investigadores prosseguem*. Brasil de Fato, 2022. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2022/11/04/casos-de-assedio-eleitoral-sobem-quase-1-300-em-com-paracao-com-2018-investigacoes-prosseguem>>. Acesso em: 19/12/2024.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica*: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (orgs). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1. ed.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- SILVA JUNIOR, N. O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do —Pacto edípico e pacto social, de Hélio Pellegrino, ao —E daí?, de Jair Bolsonaro. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (orgs). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1. ed.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SOUZA, F. '*Todos de aviso prévio*': chefes ameaçam funcionários por votos nas eleições. BBC NEWS BRASIL, 2022. Disponível em: <<https://bbc.com/portuguese/brasil-63425032>>. Acesso em: 19/12/2024.

VAN DIJK, T. A. *Handbook of Discourse Analysis*. 4 V. New York: Academic Press, 1987.

VAN DIJK, T. A. *News as Discourse*. Erlbaum, 1988.

VAN DIJK, T. A. *Ideology: An Interdisciplinary Approach*. London: Sage, 1998.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e Poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.